



Director literario:

Augusto Pacheco
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

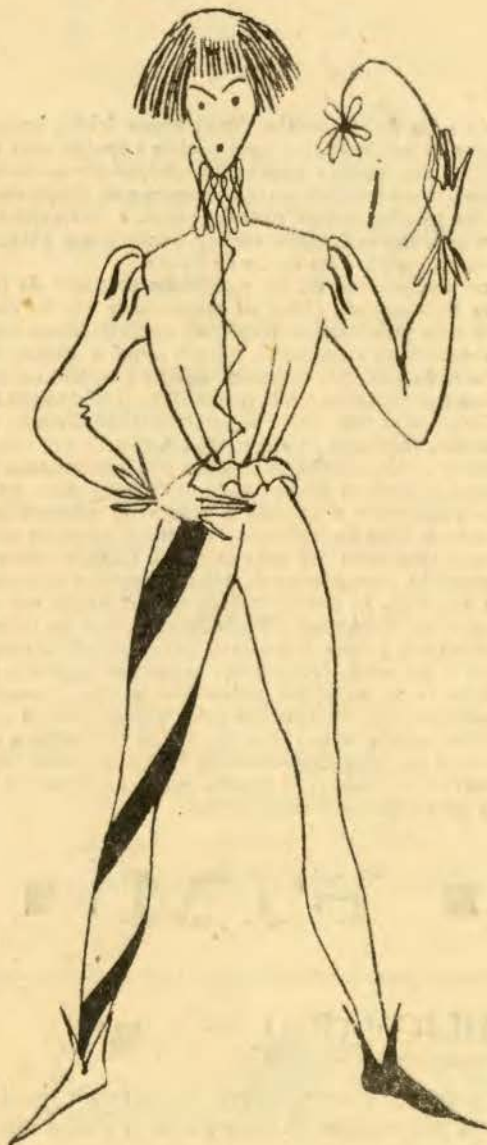
Director artistico:

Juan de la Calle
PAPUSSE

A lenda dos malmequeres

POR MARIA PACHECO

DESENHOS DE OLAVO



A princezinha vagueava pelo parque. O outono quasi no fim era triste e silencioso. O vento agitava-lhe os cabelos e os lindos olhos cõr de esmeralda fixavam ao longe a linha fugidia das montanhas, enquanto as recordações acorriam ligeiras, e furtivas fugiam nas asas celeres do pensamento.

Filha de reis, só poderia escolher noivo entre os nobres fidalgos que freqüentavam a cõrte. Diana, assim se chamava a princesa, tivera como companheiro de infância o filho do jardineiro. Foi crescendo e expressamente proibida pelo pai de conviver com gente tão humilde, às escondidas brincava com o seu amiguinho. Os anos iam passando e o rapaz, muito inteligente tornara-se um valoroso official, impondo-se à estima do rei.

A posição que escolhera abria-lhe de par em par as portas do palácio e era com grande regosijo que continuava a bõa camaradagem com Diana. A amizade que os unira em pequeninos cada vez se tornava mais forte. Era o amor a desabrochar em duas almas que a diferença de nascimento separava.

Nas recepções do palácio, os rápidos olhares que trocavam eram como canções inefáveis, feitas de lágrimas. Diana completara 20 anos e o rei chamando-a disse-lhe ser tempo de escolher noivo. — «Já escolhi, meu pai, é o meu companheiro de infância, o official a quem meu pai dedica grande amizade.

O rei, ao ouvir isto, não ponde conter a cólera que o dominava e, gesticulando, furioso, dizia que a princezinha enlouquecera, que nunca consentiria que sua filha casasse senão com fidalgo digno de o suceder no trono. — «Hoje, Diana, o teu apaixonado irá desterrado para bem longe; não mais o verás, hás-de esquecê-lo, quero eu.

A princezinha ouvia e as lágrimas sulcavam-lhe o rosto dum palidês de lírio. Fechada no quarto planeava a maneira de poder despedir-se do seu companheiro. Por fim chamando o pagem disse-lhe que prevenisse o official para ir ao parque porque lhe desejava falar. Contou-lhe tudo o que se passara com o pai e, muito tristes, despediram-se, jurando que nada os separaria. No dia seguinte, o rapaz partiu e a princesa, passeando pelos lindos jardins do palácio, chorava o sonho impossível que sonhara de unir a sua vida à do seu amiguinho de infância. Chorava silenciosamente, quando uma voz muito meiga a chamou. Levantou

vivamente a cabeça e viu três senhoras muito bonitas, vestidas de ouro.

A mais velha adiantou-se e disse-lhe:—«Sei porque choras, partiu hoje o eleito do teu coração. Em breve teu pai te apresentará noivo que a sua soberana vontade escolherá, mas nada receies, porque nós velaremos por ti. Quando te vires aflita chama pelas Três Fadas azues». Beijaram-lhe meigamente os cabelos e desapareceram. Diana, ainda mal refeita da surpresa que tivera com a aparição das fadas, limpou cuidadosamente os olhos e encaminhou-se para o palácio. Os meses iam correndo e o rei, num lindo dia de Junho, fez saber à princesa que estava noiva dum poderoso rei. Tentou recusar, mas temendo a cólera do pai, resignada, acedeu. Resignada na aparência, mas na sua alma travava-se uma luta tremenda, queria recusar, queria gritar bem alto o juramento que fizera ao noivo que o seu coração escolhera, porém o medo invadia-a e calava-se à vontade do pai.



Chegado o dia do casamento, Diana muito triste, lembrou-se do que as três fadas lhe haviam dito e apelou para a generosidade das lindas senhoras. Imediatamente apareceram e sorrindo disseram-lhe:—«Já sabíamos que precisavas de nós, a tua constância será recompensada, e beijando-a nos olhos a princesa caiu como morta. Reinava no palácio a maior consternação pela morte de Diana.

O rei arrependido de ser o causador da morte da filha, chorava inconsolável, cheio de remorsos de não ter cedido à vontade da princezinha. Depois do corpo de Diana repousar na sepultura, começou a nascer sobre a campa uma flôr branca dum branco luminoso, de que ninguém conhecia o nome e que ninguém ainda tivera visto. O rei quando ia ao cemitério, colhia uma flôr e as pétalas caindo diziam «Mal-me-queres». Intrigado colhia outra e a mesma voz repetia: «Mal-me-queres» chamou os fidalgos que o acompanhavam, mas estes colhiam as flôres e nada ouviam. Os anos tinham corrido velozmente e quando o tempo do desterro havia terminado, o filho do jardineiro voltou. A primeira pessoa por quem perguntou foi pela princesa. Quando soube que tinha morrido, correu louco de dor ao cemitério e chorando colheu uma flôr. As pétalas caindo diziam numa voz dulcíssima: «Bem-me-queres». Reconheceu a voz da princesa e, chamando-a, a terra abriu-se e Diana saindo do caixão abraçou o seu amiguinho. Muito satisfeitos seguiram para o palácio. O rei ao vê-los pediu-lhes perdão, e consentiu no casamento que se realizou com grande pompa sendo madrinhas as três fadas azues. No dia do casamento a princesa levava um lindíssimo ramo de bem-me-queres, singela flôr branca que desde essa remota época as raparigas desfolham para saberem se são amadas.

■ FIM ■

DE MARÇANO A MILIONARIO

AVISO:— Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a retirar a continuação da novela cujo título em cima este aviso e que tanto interesse tem despertado aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum». Prosseguirá no próximo numero.

FÁBULA

POESIA :: ::

E DESENHO
DE OLAVO



Conheci
um dia um velho
relho,
corcovado,
que contou a história triste
da Princezinha no Espelho;
princesa que ainda hoje existe
em seu palácio encantado.
Foi há já quinhentos anos:
vivia com os seus pais,
com seus avós e seus manos,
seus criados e jograts,
no maior reino do mundo.
Era tão esbelta e formosa
que no lago mais profundo
ia mirar-se, vaidosa.
'Té que um dia, sem respeito,
julgando-se mais formosa,
desfolhou a pobre rosa
que sempre tinha pregada
ao peito.
Agora vive encantada
em seu palácio encantado.
É lá muito bem tratada,
mas tem um espelho colado
— por castigo — à própria mão.



Dizem que foi uma fada,
— Dona Modéstia, chamada —
que castigou a vaidosa.
Hoje, contricta e chorosa,
sempre de espelho na mão,
chora, chora até mais não...
mas em vão!...

■ F I M ■

HISTORIA DOS DOIS

□ BONEQUINHOS DE PASTA □

POR MARIA BRANCO

Desenhos de OLAVO



mesmo pintor tinha-lhes dado aqueles grandes olhos garços, rasgados e ternos e as boquitas vermelhas entreabertas em um sorriso sonhador.

E, sobre a meza de trabalho do artista, ficaram-se os dois bonecos mirando, certa tarde sem fim...

Já o céu se pirilampia de estrelinhas melancolicas e «êles» continuavam-se olhando ainda, sorrindo sempre

Viram romper a manhã e sentiram-se depois encaixotar num esquifezinho de madeira nova.

Pouco depois, alguém os tirava dali, suavemente... a costureirinha loira, de belos olhos azuis claros, infantilmente curiosos.

Colocou-os, a seguir, dentro da vitrine espaçosa, onde muitos outros bonecos de pasta se acotovelavam!

Por acaso êles ficaram, frente a frente, fitando-se ainda.

Admiravam-se da azáfama que reinava no aposento para onde haviam vindo.

Dezenas de rapariguinhas, todas elas esbeltas e airozas, remexiam em pedaços de rendas, revolviam sedas, veludos e cretones.

Maquinas de costura tiquetaquiavam, constantemente, misturando o seu barulho metódico e modesto ao grande sussurro exterior de autos, camions, campainhas e vozzeria.



Quando a tarde baixou, retiraram em bando as gárrulas costureiras.

Porque iriam elas tão contentes? perguntavam na vitrine os bonecos de pasta, nuzinhos de adornos:

Apareceu, então, uma mulherzita triste, que veio arru-mar o «atelier».

Abriu as grandes janelas de par em par e começou varrendo o aposento.

Observaram que as janelas olhavam para certa rua espantosamente concorrida, possuindo ao fundo elegante ponte sobre as águas glaucas do rio.

Barqueiros, de estranhas vestes, moirejavam ainda, apesar da noite que chegara.

Cantavam... essas canções deliciavam os bonequinhos.

Emfim, certo dia chegou em que a costureirinha loira, veio abrir a vitrine, extraindo dali os nossos dois heróis.

Tomou-os em seu regaço e tomou-os vestindo-os.

A «ela» envergou-lhe a saínda rodada, encarnada viva debruada de barras floridas.

Calçou-lhe meiasinhas brancas e sapatinhos escuros.

Sobre a blusa de rendas, o coletinho preto bordado a côres.

Cruzado sobre o peito, o lenço de ramagens e, agitando-lhe a seguir o avental garrido, poisou-lhe sobre as tranças loiras a grande laçada negra das alsacianas.

Sorriu-se feliz a costureirinha loira.

E a bonequita parecia, efetivamente, rescender às sebes floridas dos caminhos, aos pinhais das florestas proximas, às verdejantes margens do poético e legendário Reno... ter saído nesse instante d'alguma curiosa habitação de madeira, de enorme chaminé, onde se anichassem os ninhos das cegonhas...

A «ele», enfiou-lhe umas calças largas de veludilho castanho-escuro, tamancos claros, camisa branca, «bonet» negro e, ao canto da boquita sorridente, o inseparável cachimbo dos rapazolas holandezes.

Rosado e fresco, era bem o filho dessas paragens neerlandezas, cujas terras estão sulcadas de canais que lhes servem de estrada e onde existem extensas pradarias planas, manchadas aqui e além de manadas de vacas e moinhos de velas adejantes.

Terminados ambos na mesma tarde, os nossos bonecos seguiram para o armazem. Deitaram-nos, então, em ripas de palha fininha sôbre certo caixote de madeira branca.

Nova camada fofa os atabafou e sentiram, após o martelar seco de algumas dúzias de pregos,

Que iria acontecer?

Os dois amiguinhos, aconchegavam-se docemente, apavorados de receio.

Súbito, um roncar de motor, o barulho de carregamento de malas, depois o trepidar fofo de rodas de borracha.

Um arranco repentino e a tranquilidade da paragem.

Distinguíam, agora, entre a gritaria humana e o resfolgar de máquinas a vapor, o som melodioso, cadenciado e terno do marulhar do oceano.

Então o bonequinho holandês segredou à Alsaciana:

— «Minha amiguinha, escuta...

Ouves este barulho compassado e solene?»

— «Sim, faz-me recordar as minhas grandes florestas, em noites de temporal.

— «Não, querida, este sussurro não é provocado pelos teus resinosos pinheirais, mas sim, pelo vai-e-vem ininterrupto, magestoso e imenso, de vagas de espuma.

Chama-se o mar.

(Continua na pagina 8)



O ULTIMO ANDAR

POR G. V. VENTURA

Desenhos de OLAVO



AQUELE palácio, isolado pelas árvores que o cercam, engrinalhado de glicíneas, lilazes e madresilvas, é um recinto encantador, que perturba os sentidos com a sua beleza.

Fica situado junto dum rio de prateadas águas, que murmuram canções estranhas e misteriosas.

Ali, sem ninguém saber, habitam três moradoras.

Passados os primeiros momentos da agradável sensação que sentimos, só com a sua aparência, olhando em frente, vê-se oculta pela folhagem, uma escadaria de mármore branco.

Ao cimo, há uma porta, por onde se serve o primeiro morador.

Essa porta dá acesso para uma sala, onde está sentada sobre um trôno, uma formosa mulher, toda vestida de branco, com um diadema a cingir-lhe a fronte emoldurada por uma cabeleira doirada.

A todos sorri meigamente e a todos embriaga com as suas palavras.

Das paredes consteladas de pedrarias, irradiam scintilações maravilhosas, que entontecem.

Esquecemos tudo, para só pensarmos no que vemos,

A formosa moradora desta casa, é a— Ventura.

Ali permanecemos durante algum tempo.

Aos nossos ouvidos chega o ritmo cadenciado de vozes melodiosas, que falam no andar superior.

Subimos nova escadaria e... não sei como descrever o que se nos depara à nossa vista! Tudo parece feito de fragmentos de luar, que se desprendessem do espaço! Os risos ressoavam por toda a parte!



AQUELE PALACIO...



OLAVO

REALIDADE

Recostada no seu vaporoso trôno, estava uma criatura ideal, vestida com um manto coberto de maravilhosas pedrarias.

Era um verdadeiro paraíso aquele ninho de beleza!

Que mais poderíamos desejar para nos sentirmos felizes?! ..

Nada, nada faltava ali para complemento da felicidade!

Esta sedutora habitante era... a Ilusão.

Mas... passar uma existência inteira, embalada por aqueles inebriantes perfumes que perturbavam o ambiente, sem conhecer a outra moradora, era impossível.

Atravessámos um longo corredor, e, em breve, nos encontramos em face de uma porta denegrida pelo tempo, que se abriu misteriosamente à nossa chegada. O quadro que se nos deparou, comparado com os antecedentes, era horrível!

Uma mulher com as faces cavadas pelos desgostos, os cabelos em desalinho, era a última moradora daquele misterioso palácio.

Nos fundos olhos de que mal se distinguia a côr, havia lágrimas.

E nós, cheios de tristeza, mal tivemos coragem de perguntar-lhe o nome.

Ela entreabriu os lábios num amargo sorriso, e disse:— eu, sou a... Realidade!

A vida é assim. Resplandecente de formosura, cheia de ideais, nos parece vêr a estrada da vida, que, ao contrário, é cheia de abrolhos e espinhos.

Mas... envolta no seu manto negro, a tolher-nos o passo, a desviar-nos do belo, aparece sempre a Realidade.

■ FIM ■

HORA DO RECREIO

Pôr em cada estrelinha uma letra, de maneira que dê o nome de uma nação.

V * * * * *
 I * * * * *
 A * * * * *
 O * * * * *
 P * * * * *
 I * * * * *
 M * * * * *
 P * * * * *
 A * * * * *
 M * * * * *
 P * * * * *
 U * * * * *
 M * * * * *

Adivinhas por M. Calvet de Magalhães:

- N.º 1—Toda a gente a pode causar
Mas ninguém vender ou trocar.
- N.º 2—Tem dentes e não come
Tem barbas e não é gente.
- N.º 3—Semiei latas
Nascem cordas
E como bolas!
- N.º 4—Para andar lhe ponho a capa,
Tirei-lha para andar;
Que éle sem capa não anda
Nem com ela pode andar.
- N.º 5—São muito vizinhos
Com os mesmos modos
Quando um erra
Erram todos.

PARA OS MENINOS COLORIREM





Historia dos Dois Bonequinhos de Pasta

(Continuação da pag. 5)

E' azul e verde como teus olhos garços.

— «Poderia vê-lo? perguntou, ansiosamente, a Alsaciana.

— «Um balanço enorme e inesperado fez revolver a rima da palha fôfa e meia-dúzia de bonecos de pasta apareceram junto dos nossos dois heróis.

Certo «pierrot» de sedas brancas, uma rapariguinha escossêsa e quatro bebês gorduchos, vestindo casacos de peles e polainas de malha.

Os dois amiguinhos olharam-se boquiabertos...

— «Mas que agradável companhia!» murmurou risonho o holandês.

Toda a bonecada principiou falando, contando a sua historia.

Afinal, era egualzinha à dos nossos amiguinhos.

— «Sabem... informou o «Pierrot» saquimos em navio mercante a caminho de certa terra distante, onde o céu é muito azul e o sol muito quentinho».

— «Que bom! exclamaram todos.

— «Mas que iremos lá fazer? questionou uma petizinha morena.

— «Veremos» respondeu o Pierrot, à falta de argumento.

Entretanto estrondavam apitos e vozeria.

Pouco a pouco, o navio afastava-se do porto... a caminho do sul.

II

Passaram-se algumas longas semanas que os nossos bonequinhos aproveitaram, para formular hipóteses e fantasias.

Os dois amiguinhos sonhavam com esse belo pais lúcido e perfumado e luminoso.

E assim desembarcaram e foram levados ao «Grande Bazar Infantil».

Iluminados, por bizarras lâmpadas electricas logo nessa noite, uma dúzia dos mais bonitos bonecos de pasta foram enfeitar a montra, atraindo creanças e grandes que os contemplavam embevecidos.

Certa manhã um cavalheiro, de ar apreensivo, entrou no Bazar.

— «Venda-me aquela Alsaciana.

E, como o holandês permanecesse de mão dada à sua companheira, logo o empregado retorquiu:

— «Deseja-a com o holandês?»

— Não simplesmente a boneca.

Desenlaçando-lhes as mãozitas os bonecos estremeçaram inquietos... mas quem ousaria separá-los?

Já, mais serena, a Alsaciana voltou a sorrir...

Porém, o holandês, vendo partir a sua amiga, perdeu a alegria e pensou em morrer...

III

Maria Helena estava agora livre do perigo. Quando avô chegou sobraçando o «embrulho mágico» já ela gargalhava com os Pais.

— «Meu amor aqui tens o prémio da tua bondade».

A linda Alsaciana foi febrilmente abraçada.

Porque eram modestos de rendimentos, a mãe de Maria Helena balbuciou:

— «Para que foi fazer semelhante loucura, querido Pai?»

— «Afim de festejarmos as melhoras da Lena».

Toda a familia admirou a graça da linda boneca que foi ocupar um cantinho do sofá.

Lena todos os dias brinca cuidadosamente com o seu te-soiro mas a Alsaciana, apesar de todos esses carinhos, pensava saudosamente no seu companheiro ausente.

IV

— «Para que levas este boneco tão sorumbático?» interrogou a milionária americana a sua gentil sobrinha.

— «A montra é minha. Tu deste-ma, não é assim? Ele marcha com o resto».

Concordou a grande dama. Afinal, não eram também assim os seus inexplicáveis caprichos de mulher?

Enorme embrulho seguiu para o luxuoso hotel.

Quando Daisy ali chegou, já meia-dúzia de amigos a esperavam.

(Continua no proximo numero)